EXÔDO RURAL NO BRASIL: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO RURAL

RURAL-TO-URBAN MIGRATION IN BRAZIL: CAUSES, CONSEQUENCES, AND TRANSFORMATIONS IN RURAL AREAS

https://doi.org/10.63330/aurumpub.065-003

Equiton Lorengian Grégio
Mestre em Ciência e Tecnologia Ambiental
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
E-mail: equiton-gregio@uergs.edu.com.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4848973390657744

Daniele de Oliveira Lima
Mestranda em Ciência e Tecnologia Ambiental
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
E-mail: daniele.dol@estudante.uffs.edu.br
Lattes: https://lattes.cnpq.br/3097172158657058

Arthur Dionísio Bender Spadoa
Graduando em Agronomia
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
E-mail: Arthur-spadoa@uergs.edu.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/8955372389177886

Davi Lisboa
Graduando em Agronomia
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
E-mail: davi-mello@uergs.edu.br

Fernando Zanella Copatti
Graduando em Agronomia
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
E-mail: fernando-copatti@uergs.edu.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4336171252327174

Klaiver Danelli Veloso
Graduando em Agronomia
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
E-mail: Klaiver-veloso@uergs.edu.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/2214842268430435

Saymon Tonial
Graduando em Agronomia
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
E-mail: Saymon-tonial@uergs.edu.br

Resumo

Este estudo analisa as transformações socioespaciais decorrentes do êxodo rural, com foco nos fatores determinantes para a permanência ou exclusão da população no campo. Por meio de uma revisão bibliográfica e documental de literatura nacional e internacional, examinou-se a transição da modernização agrícola seletiva e os vetores de repulsão rural e atração urbana. Os resultados apontam que, além do inchaço urbano, o campo enfrenta esvaziamento demográfico, envelhecimento e masculinização da força de trabalho, ameaçando a sucessão geracional na agricultura familiar. Evidencia-se a emergência de um "novo rural", onde a tecnologia e a pluriatividade reconfiguram o território. Contudo, a decisão dos jovens de permanecer na terra transcende o fator econômico, vinculando-se intensamente a aspectos socioafetivos, culturais e ao sentimento de pertencimento. Conclui-se que o enfrentamento do despovoamento e a garantia da segurança alimentar exigem políticas públicas integradas e multifacetadas, capazes de articular conectividade digital, infraestrutura, crédito e educação contextualizada à realidade rural.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Desenvolvimento rural; Êxodo rural; Juventude rural; Sucessão geracional.

Abstract

This study analyzes the socio-spatial transformations resulting from rural exodus, focusing on the determining factors for the permanence or exclusion of the population in the countryside. Through a literature and documentary review of national and international research, it examines the transition of selective agricultural modernization and the drivers of rural push and urban pull factors. The results indicate that, in addition to urban overcrowding, rural areas face demographic depletion, aging, and masculinization of the workforce, threatening generational succession in family farming. The emergence of a "new rurality" is evident, where technology and pluriactivity reconfigure the territory. However, young people's decision to remain on the land transcends economic factors, being deeply linked to socio-affective, cultural aspects, and a sense of belonging. The study concludes that countering rural depopulation and ensuring food security require integrated and multifaceted public policies capable of combining digital connectivity, infrastructure, credit, and education tailored to the rural reality.

Keywords: Family farming; Generational succession; Rural development; Rural exodus; Rural youth.

1 INTRODUÇÃO

O êxodo rural configura-se como um fenômeno socioespacial complexo, caracterizado pela migração massiva da população do campo para os centros urbanos, sendo impulsionado por uma intrincada

teia de fatores econômicos, sociais e políticos. No cenário brasileiro, esse processo intensificou-se fundamentalmente a partir da década de 1950, marchando lado a lado com o avanço da industrialização do país. Posteriormente, durante as décadas de 1960 e 1970, o campo passou pelo que se convencionou chamar de "modernização conservadora" da agricultura. Esse modelo promoveu uma intensa inovação tecnológica e mecanização da produção que, ao mesmo tempo em que elevou a produtividade, reduziu drasticamente a demanda por força de trabalho local e manteve a estrutura fundiária historicamente concentrada. Como consequência, contingentes populacionais expressivos foram impelidos a buscar os centros urbanos em expansão, atraídos pela promessa de empregos e melhores condições de vida, embora muitos tenham sido absorvidos de forma marginalizada nas periferias das grandes cidades.

A persistência histórica e a intensidade desse movimento refletem-se de forma contundente nos dados demográficos nacionais. Conforme revelam os dados do Censo Demográfico de 2022, publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), 87,4% da população brasileira — o equivalente a 177,5 milhões de pessoas — reside atualmente em áreas urbanas, restando apenas 12,6% (25,6 milhões) na zona rural. Entre os anos de 2010 e 2022, o país registrou a perda de 4,3 milhões de moradores no campo, consolidando uma taxa de decréscimo populacional rural de -1,28% ao ano, ritmo este que supera a média global e evidencia a força contínua do fenômeno no território nacional. Diante dessa realidade, a principal problemática contemporânea vinculada ao êxodo rural não reside apenas no volume migratório em si, mas na reconfiguração demográfica que ele provoca, marcada pelo envelhecimento e pela masculinização da população que permanece no campo. Esse cenário decorre da saída expressiva de jovens e mulheres, gerando um preocupante "vazio sucessório" que coloca em risco a continuidade das unidades produtivas familiares.

Considerando que a agricultura familiar é o setor responsável pela maior parte da produção de alimentos que abastece o mercado interno brasileiro, o comprometimento da sucessão geracional ameaça diretamente a sustentabilidade da produção agrícola nacional e a segurança alimentar. O futuro do espaço rural e a viabilidade dessas propriedades dependem intrinsecamente da capacidade social e econômica de manter a juventude no campo. À luz desse panorama, delineia-se o problema central desta pesquisa, expressa pelo seguinte questionamento: quais são os fatores contemporâneos que continuam a impulsionar o êxodo rural, particularmente entre a juventude, e quais as implicações desse processo para a sustentabilidade da produção agrícola e para o desenvolvimento territorial no Brasil?

Para responder a essa problemática, este estudo define como objetivo geral analisar as causas, as consequências e as transformações associadas ao êxodo rural no Brasil contemporâneo, conferindo ênfase aos desafios da sucessão geracional na agricultura familiar e nas percepções da juventude rural sobre a permanência no campo. Como propósitos norteadores e objetivos específicos, a pesquisa busca caracterizar o processo histórico e os fatores determinantes do êxodo rural no Brasil; identificar as principais

consequências socioeconômicas e territoriais do fenômeno para os espaços urbano e rural; analisar os dilemas específicos enfrentados pela juventude rural no que tange à escolha entre a permanência no campo ou a migração para a cidade; e, por fim, discutir as tendências contemporâneas de transformação do espaço agrário, incluindo a pluriatividade e as políticas públicas voltadas à sucessão geracional.

A relevância acadêmica e social deste estudo justifica-se pela necessidade premente de lançar luz sobre as dinâmicas demográficas que afetam diretamente a estrutura fundiária e a soberania alimentar do país. Compreender detalhadamente os determinantes da saída ou da permanência no campo é um passo indispensável para a formulação de políticas públicas eficazes, capazes de promover o desenvolvimento rural sustentável e o fortalecimento real da agricultura familiar. Ademais, a investigação dessas transformações colabora para desmistificar a visão dicotômica e atrasada que historicamente opõe o rural ao urbano, fornecendo subsídios para entender o campo sob uma perspectiva multidimensional que engloba também o bem-estar social, a cultura e a preservação ambiental.

Fundamentando teoricamente esta discussão, a literatura especializada aponta que o movimento migratório do campo não se restringe a um mero deslocamento geográfico voluntário. Oliveira (2001) esclarece que o fenômeno reflete a subordinação histórica do campo à lógica do capital urbano-industrial, operando em uma relação de dependência. Ao analisar os desdobramentos desse processo na vida dos sujeitos, Martins (2012) argumenta que o camponês foi frequentemente "expulso" pela mecanização agrícola, transformando-se em operário ou engrossando as fileiras da exclusão urbana. Sob a ótica demográfica, Camarano e Abramovay (1998) aprofundam o debate sobre o "vazio sucessório", demonstrando como a seletividade da migração — que atrai prioritariamente os indivíduos mais jovens e do sexo feminino — inviabiliza a reprodução social e econômica das famílias agricultoras.

Complementarmente, Wanderley (2009) defende que a reversão desse quadro e a sobrevivência do mundo rural estão estritamente atreladas à garantia de autonomia, renda e reconhecimento social para as novas gerações no interior de suas comunidades. Como resposta e alternativa a essas pressões estruturais, Schneider (2003) introduz e difunde o conceito de pluriatividade, explicitando como as famílias rurais contemporâneas buscam a diversificação de suas fontes de renda por meio de atividades não agrícolas como estratégia de reprodução e permanência no território. Essa visão converge com o pensamento de Kageyama (2008), que propõe que o desenvolvimento rural moderno deve transcender os limites estritos do setor agrícola, integrando de forma holística dimensões ecológicas, de plurinacionalidade econômica e de qualidade de vida, fatores determinantes para redefinir as percepções da juventude e viabilizar o seu futuro na terra.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 CONCEITO E EVOLUÇÃO DO ÊXODO RURAL

O êxodo rural é conceituado como a migração, em geral definitiva, de indivíduos do meio rural para o meio urbano. Historicamente, no Brasil, esse processo foi marcado por um modelo de desenvolvimento excludente. A chamada "modernização dolorosa" ou "conservadora" da agricultura brasileira, apoiada em crédito subsidiado e inovações tecnológicas da Revolução Verde, beneficiou majoritariamente os grandes proprietários de terra e monocultores, marginalizando os pequenos produtores (Graziano da Silva, 1982). Esse modelo resultou na concentração fundiária e na expulsão sistemática da força de trabalho rural, que se viu forçada a migrar para as cidades, alimentando o exército de reserva industrial e a urbanização acelerada.

Esse processo não se limita a um simples deslocamento populacional, mas está diretamente associado às transformações nas relações entre população e uso da terra, sendo a migração rural-urbana um dos principais motores da reorganização produtiva e territorial no meio rural contemporâneo (GE et al., 2020). No campo teórico, o êxodo rural é compreendido como resultado das transformações estruturais do desenvolvimento capitalista no meio agrário, especialmente da modernização seletiva da agricultura, que promove a exclusão de pequenos produtores e a concentração fundiária. Nesse sentido, Abramovay (1998) destaca que o desenvolvimento rural não pode ser analisado apenas sob a ótica produtiva, mas deve considerar as dinâmicas sociais e territoriais que condicionam a permanência ou exclusão da população no campo.

2.2 FATORES DETERMINANTES

Os fatores que impulsionam o êxodo rural podem ser classificados em fatores de repulsão (no campo) e fatores de atração (na cidade). Os principais fatores de repulsão incluem a mecanização agrícola, que substitui o trabalho humano; a concentração de terras; a falta de infraestrutura básica no meio rural (saúde, educação de qualidade, saneamento, conectividade); e as crises econômicas e climáticas que afetam a rentabilidade da agricultura familiar. Por outro lado, os fatores de atração englobam a busca por melhores oportunidades de emprego, acesso a serviços de saúde e educação superior, e a expectativa de maior qualidade de vida nos centros urbanos, percepção frequentemente alimentada pelos meios de comunicação.

Estudos recentes demonstram que, além dos fatores econômicos clássicos, a decisão de migrar está fortemente associada às aspirações individuais, especialmente entre os jovens, que tendem a buscar melhores oportunidades educacionais, estabilidade profissional e reconhecimento social nos centros urbanos (Hervás-Gómez et al., 2021). Além disso, Schneider (2003) argumenta que o êxodo rural deve ser interpretado como parte de um processo mais amplo de reestruturação do espaço rural, no qual a diversificação das atividades econômicas e a inserção em mercados mais amplos redefinem as estratégias de reprodução social das famílias rurais.

2.3 CONSEQUÊNCIAS DO ÊXODO RURAL

As consequências do êxodo rural manifestam-se de forma contundente tanto nas cidades quanto no campo. No espaço urbano, a chegada massiva e desordenada de migrantes sem qualificação profissional adequada contribuiu para o inchaço das cidades (macrocefalia urbana), proliferação de favelas, aumento do mercado de trabalho informal, desemprego e sobrecarga dos serviços públicos e da infraestrutura. No espaço rural, as consequências incluem o esvaziamento demográfico, o envelhecimento da população residente, o abandono de terras produtivas e o risco à segurança alimentar, dado o enfraquecimento da agricultura familiar, principal fornecedora de alimentos para a mesa dos brasileiros.

Além disso, a migração contínua da população rural impacta diretamente a estrutura produtiva agrícola, promovendo mudanças no uso da terra, reorganização das atividades produtivas e, em alguns casos, abandono de áreas agrícolas, o que reforça o caráter estrutural do fenômeno (GE et al., 2020). Do ponto de vista territorial, Veiga (2002) ressalta que o êxodo rural contribui para a formação de um padrão de urbanização desigual, caracterizado pela concentração populacional em centros urbanos e pela fragilização das economias locais rurais, ampliando as disparidades regionais.

2.4 PERMANÊNCIA NO CAMPO

A permanência no campo tem sido objeto de estudos recentes que buscam superar a visão do êxodo como um destino inexorável. A literatura aponta que a permanência está condicionada a um conjunto de fatores, como o acesso à terra, a viabilidade econômica da propriedade, a sucessão familiar planejada e o acesso a políticas públicas específicas, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Além disso, o surgimento de novas dinâmicas rurais, como a pluriatividade e o turismo rural, tem oferecido novas perspectivas de geração de renda, contribuindo para a fixação das famílias no campo.

Nesse contexto, a permanência no campo está diretamente relacionada à viabilidade econômica da atividade agrícola e à existência de sucessores, sendo influenciada por fatores como renda, tamanho da propriedade e incentivos institucionais, os quais aumentam significativamente a probabilidade de continuidade da atividade rural (Foguesatto et al., 2020). Complementarmente, Wanderley (2009) destaca que a permanência no campo não depende exclusivamente de fatores econômicos, mas também de elementos sociais, culturais e identitários, como o pertencimento ao território e a valorização do modo de vida rural.

2.5 JUVENTUDE RURAL

A juventude rural encontra-se no centro do debate sobre o futuro do campo. Estudos indicam que os jovens rurais vivenciam o dilema entre o “ficar” e o “partir”. A decisão de migrar é frequentemente

motivada pela penosidade do trabalho agrícola, pela subordinação hierárquica dentro da família, pela falta de autonomia financeira e pela invisibilidade social. A ausência de sucessores ameaça a continuidade de inúmeras propriedades familiares. Para reverter esse quadro, é imperativa a formulação de políticas que valorizem a juventude, oferecendo educação contextualizada, acesso a crédito, conectividade e oportunidades de inserção qualificada nas cadeias produtivas.

Nesse sentido, observa-se que a juventude rural apresenta, em grande medida, baixa atratividade pela atividade agrícola, frequentemente associada à instabilidade econômica, aos riscos produtivos e à baixa valorização social da profissão, o que contribui para o enfraquecimento da sucessão geracional (Nandi et al., 2022). Para fins de síntese e melhor visualização dos pressupostos teóricos que sustentam este trabalho, o Quadro 1 apresenta as principais contribuições literárias identificadas e as temáticas centrais discutidas.

Quadro 1 – Síntese dos principais estudos sobre êxodo rural e transformações no espaço rural

Autor/Ano	Objetivo do estudo	Método	Principais contribuições
Ge et al. (2020)	Analisar os efeitos da migração rural-urbana na transformação agrícola	Estudo de caso + análise teórica	A migração rural-urbana é um dos principais motores da transformação agrícola, alterando uso da terra e organização produtiva
Hervás-Gómez et al. (2021)	Identificar fatores que levam jovens a deixar o meio rural	Método misto (questionários e entrevistas)	Êxodo juvenil está ligado à falta de oportunidades, acesso a serviços e percepção negativa do meio rural
Foguesatto et al. (2020)	Analisar fatores que influenciam a sucessão na agricultura familiar	Análise estatística (regressão logística)	Renda, tamanho da propriedade e incentivos são determinantes para permanência no campo
Petrescu-Mag et al. (2022)	Compreender as transformações do espaço rural ao longo do tempo	Método misto	A modernização e a tecnologia redefinem o rural, alterando relações sociais e produtivas
Nandi et al. (2022)	Investigar aspirações de jovens e sucessão rural	Pesquisa qualitativa	Jovens tendem a rejeitar a agricultura devido à baixa rentabilidade e insegurança econômica
Rodríguez-Díaz et al. (2022)	Identificar fatores que influenciam a permanência de jovens no campo	Survey	O apego ao lugar, vínculos sociais e qualidade de vida influenciam a permanência rural

Fonte: Autores (2026).

A análise do material bibliográfico e documental selecionado foi realizada por meio de leitura interpretativa detalhada, seguida pela organização dos conteúdos em eixos temáticos. Esses eixos sinalizam as causas do êxodo rural, as suas consequências socioespaciais, as especificidades da juventude rural, os dilemas associados à permanência no campo e as transformações contemporâneas que reconfiguram o espaço rural brasileiro. A partir disso, buscou-se construir uma discussão teórica coerente com o problema e os objetivos do estudo. Como limitação metodológica, destaca-se que a pesquisa se baseia exclusivamente em fontes secundárias, o que não permite generalizações empíricas diretas sobre a realidade estudada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 FATORES ASSOCIADOS AO ÊXODO RURAL

A análise da literatura internacional e nacional reforça que o êxodo rural é um fenômeno multifacetado, impulsionado por uma complexa interação de fatores de repulsão e atração. Em contextos como o da China, a migração rural-urbana tem sido o principal motor da transformação agrícola, com a mecanização e a intensificação da produção liberando mão de obra do campo. No entanto, observa-se também o retorno de trabalhadores mais velhos para as áreas rurais, o que reconfigura a dinâmica demográfica e produtiva (GE et al., 2020). Na Espanha, o despovoamento rural, especialmente em regiões como a "Espanha Vazia", é acentuado pela falta de oportunidades e pela percepção de inferioridade da vida rural em comparação com a urbana, gerando um sentimento de desenraizamento entre os jovens (Hervás-Gómez et al., 2021). Esses fatores, que incluem a busca por melhores condições econômicas, acesso a serviços e oportunidades educacionais, são universais e se manifestam de forma similar no Brasil, onde a modernização agrícola e a concentração fundiária continuam a ser vetores de expulsão (IBGE, 2023; Kummer; Colognese, 2013).

3.2 PERMANÊNCIA NO CAMPO E SAÍDA PARA A CIDADE

A decisão de permanecer no campo ou migrar para a cidade é influenciada por uma série de fatores interligados. No Brasil, a sucessão familiar na agricultura é fortemente determinada pela renda da propriedade, seu tamanho e a existência de incentivos para os sucessores (Foguesatto et al., 2020). A ausência de um sucessor potencial é uma preocupação crescente, especialmente em fazendas familiares, onde a continuidade da produção depende da próxima geração (Nandi et al., 2022). Em contraste, estudos no Chile mostram que o apego ao lugar é um fator crucial para a permanência dos jovens no campo. Jovens que se sentem satisfeitos e seguros em suas comunidades, que possuem uma forte conexão com a natureza e que percebem uma valorização social da vida rural, são mais propensos a permanecer (Rodríguez-Díaz et al., 2022). Isso sugere que, além dos aspectos econômicos, a dimensão socioafetiva e cultural desempenha um papel fundamental na decisão de fixação no meio rural.

3.3 O NOVO RURAL E A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL DO CAMPO

O espaço rural contemporâneo está em constante metamorfose, transcendendo a dicotomia tradicional entre rural e urbano. A transformação digital, exemplificada pela transição "da foice ao smartphone" na Romênia, ilustra como a tecnologia está diversificando as necessidades e as atividades das populações rurais, tornando o campo um espaço de "cyber-realidade" (Petrescu-Mag et al., 2022). Essa modernização, no entanto, deve ser cuidadosamente gerida para evitar a perda da identidade rural e a exacerbação das desigualdades. No Brasil, as implicações do êxodo rural incluem o envelhecimento e a

masculinização da população rural, a diminuição da força de trabalho agrícola e a ameaça à segurança alimentar (Camarano; Abramovay, 1998). O "novo rural" brasileiro, caracterizado pela pluriatividade e pela crescente integração com o urbano, demanda políticas que reconheçam e valorizem a multifuncionalidade do campo, indo além da produção agrícola para incluir serviços ambientais, turismo e atividades culturais (GE et al., 2020).

3.4 REFLEXÕES CRÍTICAS E POSSIBILIDADES DE ENFRENTAMENTO

O enfrentamento do êxodo rural e a promoção da sucessão geracional exigem uma abordagem integrada que considere as múltiplas dimensões do fenômeno. É fundamental que as políticas públicas se concentrem não apenas em aspectos econômicos, mas também em fatores socioeducativos e culturais. Na Espanha, por exemplo, a implementação de medidas socioeducativas que fortaleçam os laços dos jovens com a comunidade rural e que os conscientizem sobre o valor do seu papel na prevenção do despovoamento é vista como essencial (Hervás-Gómez et al., 2021). No Brasil, a valorização da agricultura familiar e a oferta de incentivos para a sucessão, como linhas de crédito específicas e assistência técnica, são cruciais para garantir a continuidade da produção de alimentos e a fixação dos jovens no campo (Foguesatto et al., 2020). Além disso, é imperativo investir em infraestrutura rural, conectividade digital e educação contextualizada, que prepare os jovens para as novas demandas do mercado de trabalho rural e para as oportunidades geradas pela transformação digital (Abramovay, 1998; Petrescu-Mag et al., 2022).

4 CONCLUSÃO

O êxodo rural, um fenômeno global e complexo, continua a reconfigurar os espaços rurais e urbanos no Brasil e em diversas partes do mundo. A análise de estudos internacionais revela que, embora as causas e consequências apresentem particularidades regionais, há um denominador comum: a busca por melhores condições de vida e a influência da modernização e da tecnologia. No Brasil, o êxodo é impulsionado pela modernização agrícola e pela concentração fundiária, resultando no envelhecimento e na masculinização do campo. A sucessão geracional na agricultura familiar é um desafio premente, influenciado por fatores econômicos e pela percepção dos jovens sobre o futuro no campo.

As tendências contemporâneas apontam para um "novo rural" cada vez mais integrado ao urbano e transformado pela tecnologia, como evidenciado na Romênia. A decisão de permanecer no campo, como visto no Chile, está ligada não apenas a incentivos econômicos, mas também ao apego ao lugar, à satisfação comunitária e à conexão com a natureza. Portanto, o enfrentamento do êxodo rural e a promoção da sustentabilidade do campo exigem políticas públicas multifacetadas que valorizem a juventude rural, ofereçam oportunidades de desenvolvimento econômico e social, invistam em infraestrutura e tecnologia,

e fortaleçam os laços culturais e identitários com o meio rural. Somente assim será possível garantir um futuro próspero para o campo e para a segurança alimentar do país.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: Hucitec, 1998.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA, 1998. (Texto para Discussão, n. 578).

FOGUESATTO, Cristian Rogério; MORES, Gisele Victor; KRUGER, Silvana Dalmutt; COSTA, Carlos. Will I have a potential successor? Factors influencing family farming succession in Brazil. **Land Use Policy**, [s. l.], v. 97, p. 104643, 2020.

GE, Dazhuan; LONG, Hualou; QIAO, Weifeng; WANG, Zhoujing; SUN, Dongqi; YANG, Ran. Effects of rural–urban migration on agricultural transformation: A case of Yucheng City, China. **Journal of Rural Studies**, [s. l.], v. 76, p. 85-95, 2020.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A modernização dolorosa**: estrutura agrária, variante tecnológica e emprego agrícola no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HERVÁS-GÓMEZ, Carlos; LLORENT-BEDMAR, Vicente; COBANO-DELGADO PALMA, Verónica C.; NAVARRO-GRANADOS, María. The rural exodus of young people from empty Spain: Socio-educational aspects. **Journal of Rural Studies**, [s. l.], v. 82, p. 1-10, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: Resultados do Univer**so**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KAGEYAMA, Angela. **Desenvolvimento rural**: conceitos e aplicação ao caso brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

KUMMER, Rodrigo; COLOGNESE, Silvio Antônio. Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir. **Tempo da Ciência**, [s. l.], v. 20, n. 39, p. 201-220, 2013.

MARTINS, José de Souza. **O cativeiro da terra**. São Paulo: Contexto, 2012.

NANDI, Ravi; PRATHEEPA, T. M.; PRADHAN, S. Farm parent and youth aspirations on the generational succession of farming: Evidence from South India. **Frontiers in Sustainable Food System**s, [s. l.], v. 5, p. 804581, 2022.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 185-206, 2001.

PETRESCU-MAG, Ruxandra Malina; PETRESCU, Dacinia Crina; AZADI, Hossein. From scythe to smartphone: Rural transformation in Romania evidenced by the perception of rural land and population. **Land Use Policy**, [s. l.], v. 113, p. 105851, 2022.

RODRÍGUEZ-DÍAZ, Pablo; ALMUNA, Ricardo; MARCHANT, Carla; HEINZ, Sofía; LEBUY, Rocío; CELIS-DIEZ, Juan L.; DÍAZ-SIEFER, Pablo. The Future of Rurality: Place Attachment among Young

Inhabitants of Two Rural Communities of Mediterranean Central Chile. **Sustainability**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 546, 2022.

SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade familiar. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.